

Eis por que a idéia da necessidade duma ressurreição purificadora, só mais tarde torna a reaparecer no mundo cristão. A aproximação do primeiro milênio, data em que de diversos lados foi predito o fim do mundo, fornece o ensejo. Estas profecias tocam almas cuja confiança na proteção oferecida pela Igreja se acha abalada, e, assim, sopra por toda a Europa um vento de terror apocalíptico e de entusiástica esperança na redenção que sugestionava as multidões.

Por toda parte, os homens distribuem seus bens terrenos em esmolas para, deste modo, obter títulos a uma recompensa no reino vindouro. Em consequência de semelhante doação, cuja validade foi contestada depois, por não ter chegado o fim do mundo, iniciou-se em Nápoles um processo de anulação que os herdeiros das partes nunca deixaram interromper e que ocasionou muitas dores de cabeça aos tribunais até o século XIX.

Na mesma medida que, no declínio da Idade-Média, começa o edifício da Igreja Católica a apresentar mais fendas, vemos também reviver o sonho do fim do mundo e do reino da redenção entre multidões cada vez mais numerosas. Vemo-lo exercer na vida pública uma influência cada vez mais poderosa.

O abade cisterciense Joaquim de Celico é o fundador desse novo movimento. Seu "Evangelho Eterno", publicado pelo ano de 1200, reparte a história universal em três grandes períodos, de acordo com a Trindade: um estado de servidão perante a natureza, a era de Deus, o Pai; um estado intermediário entre carne e espírito, a era do Filho; e, finalmente, o "tempo da fartura", o reino do Espírito Santo. Conquanto a primeira época, a bíblica, lhe pareça expirada, do mesmo modo que a segunda, a evangélica, Joaquim de Celico profetiza o advento do reino espiritual da Salvação, do "Evangelho Eterno" para meados do século XIII.

A-pesar-da Igreja, que sempre encara com desconfiança cada fanatismo quiliástico, se ter oposto com decisão à pregação do advento iminente do "Reino do Espírito Santo", as teorias do cisterciense de Floris, na Calábria, exercem poderosa influência no seu tempo.

Os horrores da peste, que dizima cidades inteiras, os indizíveis sofrimentos duma guerra perpétua que dilacera a Itália, tudo isso é considerado pelas multidões como o prenúncio certo do fim do mundo e do reino da Salvação que lhe deve suceder. Eis como, por toda parte, uma exaltação ao mesmo tempo angustiada e alegre ganha o povo. Em 1233, como se obedecessem a uma palavra de ordem, vemos assim porem-se em marcha os bandos dos "palombelli", dos "Defensores do Espírito Santo" e, à sua frente, o seu condutor, o monge mendicante Fra Venturino. Divididos em companhias de trinta homens, na mão direita o bordão, na esquerda o rosário, marcham da Lombardia em direção ao sul. Seu uniforme é o hábito branco e



Arremetida do exército dos derviches do Madhi.



Negros metodistas em êxtase. Cena apanhada numa rua em Filadélfia. (Esbôço duma aquarela de P. Svinin).